

ARQUIPÉLAGOS EPISTOLARES, SISTEMAS POÉTICOS

EPISTOLARY ARCHIPELAGOS, POETIC SYSTEMS

MARCOS ANTONIO DE MORAES *

GIOVANI T. KURZ **

Obra resenhada: HOVASSE, Jean-Marc (org.) *Correspondance et poésie*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2011, 291 p.

Em “A circunstância poética”, apresentação do dossiê *Lettre et poésie* [Carta e Poesia], na *Revue de l'AIRE – Recherches sur l'épistolaire* (nº 31, 2005), Sylvain Menant reconhece as “ricas e múltiplas relações que o texto epistolar mantém com a criação poética” (p. 9)¹. Distingue poemas que tomam a forma de cartas (denominados “epístolas”), cartas que são espécies de poemas, bem como versos que irrompem nas missivas, na forma de citação, ensejando a “estética da surpresa” e uma atmosfera lírica. Tangenciando o (insolúvel) debate sobre a presumível natureza literária das cartas, o professor de literatura francesa considera que, “em sentido mais livre mas não negligenciável [...] pode-se dizer que toda carta em prosa, ao menos em uma correspondência privada, é poética: ela forja a encenação do remetente; um efeito artístico para estilizar a conexão que ele entretém com o destinatário; um trabalho de transfiguração de pessoas e de vínculos, que é poético no entendimento de que substitui a realidade trivial, às vezes decepcionante, por uma imagem sedutora e harmoniosa” (Menant, 2005, p. 10).

No posfácio do alentado dossiê, que congrega comunicações do colóquio *Lettre et poésie*, ocorrido na Sorbonne, em fevereiro de 2005, Geneviève Haroche-

* Livre-docente, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, mamoraes@usp.br, <https://orcid.org/0000-0001-7127-9254>

** Pós-doutorando no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), São Paulo, Brasil. E-mail: gtkurz@usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7442-6889>

1 As citações das obras mencionadas foram traduzidas pelos autores da resenha.

Bouzinac e Nicole Masson, organizadoras, ao lado de Menant, do encontro universitário, também colocam em pauta a literariedade epistolar, buscando, contudo, “operar um deslocamento” na compreensão do assunto; afinal, “o que a presença da poesia na carta coloca em evidência é até que ponto a relação epistolar se inscreve no plano simbólico”. Assim, “a inclusão de versos em cartas deixa de ser ornamental para se tornar matéria de interesse substantivo. Graças à poesia, quem assina a carta entra em uma verdade de si que a simples interlocução prosaica não alcança” (p. 199). Palmilham esse instável terreno da epistolografia, em muitas sendas investigativas, renomados estudiosos, entre os quais José-Luis Diaz (sondando cartas de jovens poetas no século XIX francês), Brigitte Diaz (lendo, em Baudelaire, “a carta e o poema”) e Luc Fraisse (examinando as “guirlandas de poesias” na correspondência de Proust). Conexões entre a carta e a poesia são observadas, em largo espectro temporal e especulativo, na obra de Étienne Pasquier, Voiture, Voltaire, Jules Laforgue, Gustave Kahn, Lamartine, Supervieille, Louise de Villemorin, John Keats, Emily Dickinson e, ainda, em escritos pessoais de Freud, Satie e Debussy, entre outros.

Em outubro de 2009, convalidando a notável fertilidade de exploração do tema, o Centre d’Études des Correspondances et Journaux Intimes [Centro de Estudos de Correspondências e Diários Íntimos], da Universidade da Bretanha Ocidental, em Brest, França, promoveu o colóquio *Correspondance et Poésie* [Correspondência e poesia]. Livro homônimo, reunindo os estudos divulgados no evento, passou a integrar, em 2011, a Collection ‘Interférences’, no catálogo das Presses Universitaires de Rennes, volume modelado por Jean-Marc Hovasse, atualmente um dos coordenadores da Équipe Autobiographie e Correspondance, do Institut de Textes et Manuscrits Modernes (ITEM), do CNRS, em Paris. Na “Apresentação”, o organizador identifica possíveis associações entre correspondência e poesia, a partir dos dezoito artigos presentes na obra, distribuídos em três partes: “Poéticas epistolares”, “Jogos recreativos?” e “Confidências”. Para além da dimensão mais “evidente”, ou seja, o poema no feitiço epistolar (que, no Brasil, materializou-se, por exemplo, no século XVIII, nas *Cartas chilenas*, de Critilo, atribuídas ao árcade Tomás Antonio Gonzaga), o crítico divisa os “poemas inseridos” nas mensagens trocadas; a epistolografia como “fonte de descobertas da gênese” do lirismo; a

carta como portadora do “discurso teórico sobre a poesia”; sem perder de vista “a qualidade da escrita epistolar que tenderia no sentido do poema em prosa”, ou seja, a carta investida da “função poética”, na acepção do linguista Roman Jakobson. Hovasse lança, como desafio teórico-crítico, a percepção de que “as cartas guardam com a poesia uma estreita relação de consanguinidade” (p. 18). Emerge, todavia, no volume, uma disputa conceitual a partir de tal parentalidade: de que modo, afinal, correspondência e poesia partilhariam uma origem – ou quais traços de uma seriam visíveis também na outra?

Os artigos, heterogêneos, no que tange aos assuntos tratados e às abordagens críticas², perfazem variadas aproximações entre carta e poesia no “espaço epistolar”, urdido como “sistema poético-epistolar” (p. 38). Em “La lettre de Marie Madeleine au Christ: réflexion sur l’élaboration d’une héroïde chrétienne” [A carta de Maria Madalena a Cristo: reflexão sobre a elaboração de uma heróida cristã], Pierre Laurens recupera a heróida ovidiana (cartas de sofrimento amoroso assinadas por heroínas da antiguidade clássica) e avança em direção às heróidas cristãs da poesia medieval, concentrando-se na figura recorrente de Maria Madalena e de suas cartas a Cristo. Em “Présence du destinataire dans quelques lettres en vers et prose à l’âge classique” [Presença do destinatário em algumas cartas em verso e prosa no classicismo], Geneviève Haroche-Bouzinac se debruça sobre os “improvisos de prosa rimada” espargidas em cartas do século XVIII, iluminando a instância do destinatário, pois a escolha deste provoca a elaboração de sua representação (p. 119); nas cartas aos “irmãos em Apolo” (aos pares), os versos provocam a “estetização da amizade” (p. 123), às mulheres, constituem apenas peças “essencialmente agradáveis” (p. 128), aos mecenas (protetores), forjam uma “arte da lisonja” (p. 130). Em “Rimbaud poète épistolier” [Rimbaud poeta epistolar], André Guyaux, passando pela célebre carta do “vidente” a Paul Demeny, em 1871, se volta às mensagens que o autor de *Iluminações* endereçou a Théodore de Banville, abrigo de poemas inéditos e de

2 Os artigos recebem a assinatura de Pierre Laurens, André Guyaux, Olivier Bivort, Maurice Gasnier, Jean de Palacio, Gaëlle Guillaumet-Metz, Florence Vuilleumier Laurens, Geneviève Haroche-Bouzinac, Corinne Bayle, Catherine Thomas, Fabienne Mérel, Édouard Graham, Yann Mortelette, Jean-Louis Meunier, Jean Balcou, Michael Pakenham, Joëlle Robert e Philippe Barascud.

gestos poéticos em distintos graus de acabamento. Em “La naissance d’une vocation poétique: les lettres inédites de José-Maria de Heredia à sa mère” [O nascimento de uma vocação poética: as cartas inéditas de José-Maria de Heredia à sua mãe], Yann Mortelette mergulha no âmbito familiar do escritor franco-cubano, mapeando as reentrâncias da sua formação estética e da gênese de sua obra mais conhecida, *Les trophées* (1893). Favorecendo uma leitura biográfica dessa obra, o estudo torna patente que “a impessoalidade parnasiana é muitas vezes apenas a extensão imaginária de experiências pessoais” (p. 200). Em “La poésie de circonstance dans la correspondance de Paul Valéry” [A poesia de circunstância na correspondência de Paul Valéry], Fabienne Mérel trata das mais de cento e cinquenta criações poéticas disseminadas pelo autor de *La jeune Parque* em suas cartas a Madeleine Gide, André Lebey, Jeanne Mühlfeld, Émilie Noulet, Jeanne Loviton, entre outros, incluindo os chamados “poemas de circunstância”. Estes abrigam traços autobiográficos, paródicos, jocosos, podendo ser vistos como um “campo de treinamento” (p. 165) para a refinada (e hermética) lírica valeriana. Em “Théorie et pratique de la poésie: sur trois lettres inédites de Max Jacob” [Teoria e prática da poesia: em torno de três cartas inéditas de Max Jacob], Jean de Palacio sublinha, na sociabilidade do modernismo francês, a “fibra pedagógica” do autor de *Visões infernais*, ou seja, a sua “vocação para a orientação poética, sua propensão de ensinar a poesia a jovens discípulos” (p. 73), o que faz com que as cartas transcritas em primeira mão nesse artigo possam, paradigmaticamente, “se constituir uma teoria da poesia lírica” (p. 74). Em “Le débat entre Jean Paulhan et Armand Robin sur la poésie de la Résistance d’après leur correspondance inédite” [O debate entre Jean Paulhan e Armand Robin sobre a poesia da Resistência segundo sua correspondência inédita], Jean Balcou coloca em relevo o espaço social do escritor, do poeta, na Segunda Guerra Mundial, destacando a denúncia de Robin em relação à pretensa filiação comunista da poesia (de resistência) de Louis Aragon e Paul Éluard, na época da França tomada pela Alemanha nazista. Em “Tentative d’une cartographie de l’archipel perrosien: état des liaisons entre correspondance et poésie” [Tentativa de uma cartografia do arquipélago perrosiano: estado dos vínculos entre correspondência e poesia], Gaëlle Guillaumet-Metz coloca em foco a correspondência do parisiense Georges Perros, concentrando-se em seu processo criativo. Observa que suas interlocuções postais,

acolhendo “acontecimentos da vida cotidiana”, materializam-se igualmente como “lugar privilegiado da expressão da poética” (p. 88). No estudo, a reversibilidade carta-literatura ganha firmes contornos.

Nessa compósita amostragem, insinua-se a reconfiguração de certas categorias canônicas de leitura e de análise, tanto do texto epistolar, quanto do texto poético. Recobrando-se a ideia de “consaguinidade”, vislumbrada por Jean-Marc Hovasse, pode-se perceber certa “fraternidade disjuntiva” entre os sistemas discursivos. Apesar da evidente maleabilidade do gênero epistolar (que abriga a poesia de modo versátil e sob um variado conjunto de circunstâncias), cabe indagar se o “espaço epistolar”, regido pela voz do remetente, sofisticaria da noção de eu lírico. Em outras palavras, quem assina a missiva enuncia o poema? Considerando o território da carta como condicionante da enunciação, a produção de uma cenografia poética, no espaço epistolar, esfumaça a percepção rígida das vozes. A “persona” epistolar (nem sujeito empírico, nem personagem ficcional) encontra equivalência conceitual no “eu lírico”, instância radicada no plano da invenção, como bem fixou a teoria literária (instância, em muitos casos, não inteiramente alheia à biografia do autor). Neste sentido, quando Hovasse nomeia uma das seções da obra de “jogos recreativos”, embora a discussão esteja enraizada no debate sobre a circulação de versos em um amplo círculo de sociabilidade, “jogo” invoca também o constante intercâmbio de papéis enunciativo-discursivos.

Tema recorrente em *Correspondance et poésie*, circunscrito principalmente na esfera investigativa da crítica genética, as cartas de escritores podem ser tomadas produtivamente como “arquivos da criação” literária. O organizador, em seu prefácio, lembra que a “correspondência permite que se compare diferentes estados de uma mesma obra” (p. 12), que ela pode restaurar “toda a poética do autor” e oferecer “as chaves de seu trabalho de escritura” (p. 13). Nessa direção, a correspondência plasma um “laboratório central de experimentação”, sendo, assim, “um complemento essencial de uma obra com a qual ele tende muitas vezes a se confundir” (p. 13). Hovasse enfatiza: “Os poetas não transgridem a regra que determina que a correspondência acomoda confidências. As deles somente são mais interessantes que a de outros, porque elas podem dar acesso aos segredos da criação. [...] Formam uma espécie de diário íntimo [...] trazem copiosas informações sobre o autor, sobre a sua formação [...] sobre sua obra e sobre a vida literária da época” (p. 16).

Alguns artigos presentes no volume comprovam cabalmente essa orientação. Emblematicamente, algumas das cartas de Rimbaud são “chaves do conhecimento que nós temos da poesia e de sua doutrina poética” (p. 38); a correspondência de Verlaine constitui “documento de primeira ordem sobre as práticas languageiras do poeta, ao pôr em jogo um conjunto de traços e de variações que, em graus diversos, podem esclarecer sua obra publicada, em prosa ou em verso” (p. 47); em Valéry, a “inventividade poética [de suas] cartas tem uma dupla finalidade”, pois elas “visam experimentar e aperfeiçoar a arte dos versos, mas igualmente manifestar [...] o interesse” que o autor “tem pelos outros”, seus interlocutores (p. 166); a epistolografia do simbolista belga Georges Rodenbach oferece “alguns temas fundadores de sua obra”, entre os quais o “elemento aquático” (p. 211; 213); outro poeta da Bélgica, Théodore Hannon, rememora, em uma missiva, a fabricação de um de seus livros, no diálogo com o prosador francês, autor de *Às avessas* (1884): “Você não tem ideia de como Huysmans crivou de rasuras meu desafortunado manuscrito; passei um ano inteiro remoendo rasuras sobre rasuras, mas depois de tontas e desajuizadas vigílias, eu remendei tudo” (p. 250).

Em contrapartida, corroendo essa potente proposição hermenêutica, as trocas epistolares também registram movimentos infecundos de interação nas paragens da literatura. Em *Correspondance et poesie*, as poetisas Louise Colet e Anna de Noailles mostram-se frequentemente inflexíveis em face de intervenções em suas obras. Joëlle Robert recupera a famosa correspondência de Gustave Flaubert com Louise Colet. Esta, autora de *Fleurs du midi* (1836), premiada mais de uma vez pela Academia Francesa, aparece geralmente hoje referida nas sínteses biográficas como a destinatária dos pormenorizados relatos de Flaubert acerca da redação de *Madame Bovary* (o autor inclusive a chamava de “a Musa”), sobretudo entre 1851 e 1854. Em “Lettres à une femme poète: Gustave Flaubert, Louise Colet et la poésie” [Carta a uma poeta: Gustave Flaubert, Louise Colet e a poesia], Joëlle flagra a inversão hierárquica na interlocução com Flaubert, “uma assimetria” (p. 238). O romancista ainda desconhecido corrige os versos de Louise Colet e assume, em suas missivas, a postura de “Mestre”; ao mesmo tempo, a poetisa firma persistente recusa de integrar as correções de Flaubert à sua obra. Configura-se aqui uma espécie de “fracasso de uma educação artística” (p. 243), cuja consequência é a ruptura do diálogo epistolar. “A

Musa, apaixonada pelo homem Flaubert, mas estranha às suas concepções estéticas, não pôde se beneficiar dos conselhos que Flaubert procurou lhe transmitir” (p. 243). Conselhos, aliás, vale lembrar, de quem nunca se devotara à invenção poética. A obra de Louise Colet era percebida pelo escritor como excessivamente sentimental, o que a descredibilizava como leitora de romance. Flaubert, no fluxo desse convívio, incorpora seu amigo Louis Bouilhet como avaliador crítico de Colet. Bouilhet passa a integrar as sessões de crítica dos poemas de Louise, muitas vezes no lugar do próprio Flaubert. Enseja-se uma “intimidade literária” predominantemente masculina: “A verdadeira troca, portanto, ocorre entre homens. É à custa da superação de sua condição de mulher e da integração à comunidade masculina que Louise Colet poderá realizar o sonho de Flaubert” (p. 242).

Em “*Les éblouissements* de Maurice Barrès (Anna de Noailles)”, Jean-Marc Hovasse, na extensa correspondência trocada entre a poetisa de família aristocrática e o escritor/político teorizador do nacionalismo francês, no curso da modelagem da amizade amorosa, discerne momentos de (emperrada) comunicação nos canteiros literários. Barrès, autor de *Le culte du moi* [O culto de si], deseja desviá-la, sem sucesso, dos caminhos da prosa romanesca, para a qual ela enveredava; sugere, em 1903, uma “correção” no poema (de essência autobiográfica) “*La force des soleils sur Parme*”, mas ela “não levará em conta de jeito nenhum esse conselho” (p. 274). Anna, endereçando-se a uma amiga em 1905, iria se queixar: “[Maurice] odeia compreender que eu não sou um fantasma de seu espírito, mas que eu tenho o meu humilde lugar humano sobre a terra” (p. 282). A correspondência, como “laboratório poético”, então, periclita.

Os artigos coligidos em *Correspondance et poesie*, ocupando-se de multifário manancial de papéis epistolares, propiciam um largo espectro de questões (dimensão discursiva, teoria dos gêneros textuais, gênese literária, redes de sociabilidade, aspectos identitários etc) e de instrumentais dos estudos, sem, contudo, esgotá-los, dada a singularidade estruturante de cada interlocução postal. Jean-Marc Hovasse, em sua introdução, defende a importância da sistemática publicação de volumes de cartas – em bases científicas, evidentemente –, sem a qual relevantes testemunhos pessoais ficariam soterrados e sem qual a crítica epistolográfica não poderá seguir apurando suas ferramentas de análise e de interpretação. Assegura o organizador do volume: “os

estudos aqui reunidos colocam sob todas as luzes o necessário trabalho de edição e de publicação [de cartas dos poetas estudados no livro] [...] o mais completamente possível – na ausência da qual, toda reflexão sobre sua[s] obra e sobre seu[s] pensamentos correrá o risco de passar ao largo do essencial” (p. 19).

REFERÊNCIAS

REVUE DE L'AIRE. RECHERCHES SUR L'ÉPISTOLAIRE. *Lettre et poésie*. Paris: Association Interdisciplinaire de Recherches Sur L'Epistolaire, v. 31, 2005. Disponível em: <<https://www.epistolaire.org/revues/revue-n°31-hiver-2005/>>.

HOVASSE, Jean-Marc (org.). *Correspondance et Poésie*. Actes du colloque de Brest, 16-17 octobre 2009. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2011.

Submetido em 16 de julho de 2025

Aprovado em 22 de julho de 2025

Publicado em 28 de setembro de 2025
